

CAUSOS POPULARES: UMA PROPOSTA DE LEITURA E ESCRITA NO CONTEXTO DA EJA

Fernanda Gomes Silva ¹

RESUMO

A literatura oral perpassa gerações e mantém viva histórias reais e do imaginário popular, dentro dessa literatura, os causos populares alcançam um público que, muitas vezes, não tiveram acesso à leitura de livros literários, como é o caso de alunos e alunas que formam as turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo proporcionar o contato com a leitura e escrita de causos populares aos alunos e alunas da EJA a partir de suas memórias, vivências e experiências, possibilitando uma escrita de textos mais significativos, na qual os alunos são os próprios protagonistas dessas narrativas. O trabalho está fundamentado em estudos teóricos de Bakhtin (1997), Batista (2007) e Busatto (2011) abordando sobre a importância da contação de histórias para a formação dos alunos e os gêneros discursivos orais. A pesquisa é de cunho qualitativa e descreve as metodologias utilizadas na proposta de leitura e escrita de causos populares realizada com turmas do 1º e 2º ano do ensino médio da EJA da Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Educar Sesc da cidade de Iguatu-CE, no ano de 2023. Ainda, analisa as memórias e vivências de aspectos históricos, culturais e religiosos da cidade de Iguatu-CE que foram temas da escrita dos causos; por fim, relata o momento de contação dos causos escritos para as demais turmas da escola. Acreditamos que a contação e escrita de causos populares perpassa a história dos alunos e alunas da EJA, que podem ser tanto ouvintes como contadores de histórias, registrando e narrando suas memórias para outros admiradores desse gênero, revivendo assim, a tradição de narrar e ouvir histórias.

Palavras-chave: Causos populares, Educação de jovens e adultos, Escrita, Contadores de histórias.

INTRODUÇÃO

Na sala de aula, círculos de leitura, nas calçadas, terreiros das casas, início da noite, antes de dormir, reais ou imaginárias, não importa o horário, lugar ou idade dos ouvintes, a experiência e o encanto pelo ato de ouvir histórias está presente na cultura popular brasileira. Essas narrativas orais alcançam um público, que em algumas situações, não tiveram acesso à leitura de livros, visitas a bibliotecas, mas que tiveram a oportunidade de experimentar a arte da palavra dita, em especial, a contação de causos populares. É desse público que se formam, na grande maioria, as turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Alunos, alunas, trabalhadores, aposentados, jovens, adultos e idosos encontram-se e compartilham memórias e vivências que transformam e revivem a beleza pela arte de narrar. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo proporcionar o contato com a leitura e escrita

¹ Graduada pelo Curso de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu - FECLI da Universidade Estadual do Ceará - UECE, fernandagsgmail.com



de causos populares a partir de memórias e vivências dos alunos e alunas da EJA da Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Educar SESC da cidade de Iguatu-CE.

Alunos narradores e alunos escritores dialogando e proporcionando uma escrita de textos mais significativos, na qual os alunos são os próprios protagonistas dessas narrativas. As narrativas orais fazem parte da formação leitora dos alunos, dentre elas, destacamos os causos populares. Esse tipo de narrativa, apesar de ser confundida com o gênero conto, difere-se pois

O causo é uma narrativa que se assemelha ao conto pela simplicidade e concisão, com as diferenças já abordadas. Os personagens presentes geralmente são pessoas conhecidas do contador. Seres sobrenaturais como lobisomens e assombrações podem ou não aparecer. Do mesmo modo, exageros que levam o ouvinte a duvidar da veracidade do contado são facultativos. Podem estar presentes elementos cômicos ou trágicos, a intenção do exemplo ou simples divertimento (BATISTA, 2007, p. 104).

São narrativas contadas por familiares, pessoas conhecidas, sendo assim, acessível às pessoas, independentemente de sua formação e/ou classe social, por isso alcançam um público à margem da Literatura escrita. O causo popular, sendo uma narrativa oral se classifica de acordo com Bakhtin como um gênero discursivo primário, porém se constituem de linguagem literária pois

Em cada época de evolução da linguagem literária, o tom é dado por determinados gêneros do discurso, e não só gêneros secundários (literários, publicístico, científico), mas também primários (determinados tipo de diálogo - de salão, íntimo, de círculo familiar-cotidiano, sociopolítico, filosófico, etc.) (BAKHTIN, 1992, p. 268).

Ainda, para os causos populares se classificarem como gêneros discursivos primários eles necessitam, como afirmam Bakhtin, de conteúdo temático, estilo e construção composicional, no qual “elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (1992, p. 262). Dessa forma, percebemos temas, estilo e construção composicional recorrentes nos causos como relatos vividos ou testemunhados pelo narrador, lugar do ocorrido, textos curtos

O causo não é um relato anônimo nem coletivo: quem o conta é seu “autor”. Quando o fato que deu origem ao causo não foi vivido ou testemunhado por quem conta, é dada a referência: diz-se quem contou; ainda que a memória popular não tenha formalidades autorais, um mínimo de indicações registra a origem do relato. O lugar do acontecimento sempre é mencionado (BATISTA, 2007, p. 102).

Os alunos e alunas da EJA são conhecedores e narradores dessas narrativas que se misturam com suas memórias e vivências, que inspiram outras narrativas proporcionando a contação de histórias pois “um causo quase nunca vem sozinho, ele se insere numa rede viva e nunca repetida de histórias: na contação” (BATISTA, 2007, p. 105).



Essa aproximação entre os alunos e as práticas de leitura realizadas em sala de aula favorecem uma formação mais significativa e afetiva. As trocas de experiências colaboram para as práticas de leitura, alunos narradores de histórias que podem se formar alunos escritores de histórias, não de uma narrativa ficcional, mas vivenciadas pelos alunos “A faculdade de intercambiar experiências é o que promove a arte de narrar histórias... não estou contando histórias, e sim, trocando histórias” (GOMES, 2018, P. 28). Alunos e alunas protagonistas narram suas memórias através da oralidade, tornando-se assim, protagonistas das suas próprias vidas e inspirando a novos narradores de histórias.

O ato de contar história nos dá amor e coragem para encarar a vida e concede um estímulo sábio às outras pessoas para conquistarem a autonomia de seguir seus próprios caminhos. Ouvir e contar história é uma experiência que se traduz numa integração de sentidos capaz de recuperar os significados que nos tornam mais sensíveis (BEDRAN, 2012, p. 27)

Dessa forma, pensar a escrita dessas narrativas, além de possibilitar um envolvimento para uma escrita mais significativa, alcança uma importância pela preservação das memórias visto que “o direito à memória é um direito pouco trabalhado nas escolas” (ARROYO, 2017, p. 193). Possibilitar espaço para a narração de memórias e histórias que fazem parte do repertório dos alunos,

Sua história. Seus Terreiros. Na cultura popular, as lembranças do passado, de família, do coletivo, da terra, do trabalho, das festas, das celebrações-com-memorações têm a centralidade pedagógica de transmissão de cultura, dos valores pela memória. A memória teve sempre, em todas as culturas, a função pedagógica, educativa, formadora das identidades coletivas (ARROYO, 2017, p. 196)

É função da escola oportunizar espaços para a escuta e reconhecimento dessas memórias, enquanto oportunidade de formação para alunos narradores, leitores literários, ouvintes literários, que apesar das dificuldades de acesso a uma Literatura escrita, trazem em seus itinerários uma formação literária ancestral.

A formação leitora ultrapassa as práticas de leitura do texto escrito, nos formamos leitores enquanto participantes de práticas da palavra dita, narradas, nos envolvendo pela narrativa, despertando a curiosidade pela veracidade ou não dos fatos narrados

buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia - e até onde não sou traído pela memória -, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, recrio, e revivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. (FREIRE, 1989, p. 9).

Esse encanto pode acontecer também com o público jovem/adulto/idoso das turmas da EJA, que estão tendo a oportunidade de se encantar pela arte da palavra oral e pela possibilidade



de práticas da palavra escrita. A seguir, descreveremos como atividades de contação e escrita podem ser proporcionadas através dos causos populares.

METODOLOGIA

As práticas de leitura e escrita de causos populares no contexto da EJA podem possibilitar uma interação com as vivências e memórias dos alunos. Diante disso, descreveremos a seguir como as atividades de leitura e escrita de causos populares foram realizadas com turmas de ensino médio da EJA da Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Educar SESC, doravante chamada de Educar Sesc, da cidade de Iguatu-CE, no ano de 2023.

As atividades foram desenvolvidas nas aulas que ocorreram no turno da noite, entre os meses de setembro a novembro de 2023 com três turmas do Ensino Médio (1º ano A; 2º ano A; 2º ano B), ao todo as turmas totalizavam 75 alunos. Pelas memórias e mãos desses alunos foram escritos 14 causos populares, sendo de forma mais direta, 42 alunos narradores e escritores (36 mulheres e 6 homens), além de um aluno que desenhou a ilustração da capa do livreto dos causos. Os demais alunos participaram como ouvintes, interagindo com os causos produzidos, seja através da escuta, e também, compartilhando suas compreensões e apreciando as narrativas.

As seguintes metodologias foram desenvolvidas nas aulas: estudo do projeto da escola Arte, Cultura e Território; apresentação de contação de causo e roda de conversa com uma narradora da cidade; roda de leitura e interpretação de causos populares; levantamento de temáticas do repertório pessoal, social, histórico, econômico, religioso e cultural da cidade de Iguatu-CE; rodas de contação de memórias dessas temáticas; organização de grupos por temáticas para a escrita de causos; revisão e digitação dos causos; apresentação de contação de causos para as demais turmas da EJA.

Em alguns momentos essas atividades foram desenvolvidas de forma coletiva com as três turmas, em outras, nas aulas de Literatura e Redação de cada turma. O ponto principal para o desenvolvimento dessas atividades foi proporcionar uma escrita de textos mais significativas a partir das memórias e vivências dos alunos, possibilitando um momento de contação para os alunos, revivendo a tradição da contação de história, além de recuperar memórias dos aspectos históricos, sociais e culturais da cidade de Iguatu-CE.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta de leitura e escrita de causos populares surgiu no contexto das aulas das turmas do Ensino Médio da EJA da escola a partir do desenvolvimento do Projeto Arte, Cultura e Território que apresenta uma

respectiva de apropriação, contemplação, entendimento do mundo que nos cerca e as diferentes leituras de mundo oportunizadas pela cultura. possibilita a construção e o entendimento de como o território afeta e transforma a arte e como a relação com o outro também se altera. Sabemos que o território é a base primeira de qualquer identidade cultural. A partir dele constroem-se referentes simbólicos e relatos históricos que permitem a um grupo humano compartilhar as mesmas tradições e expressões culturais (SESC, 2023, p. 3)

Partindo da perspectiva da importância e valorização do território enquanto espaço de leituras, referentes simbólicos, construção e expressão cultural, foi desenvolvido o Circuito Cultural de 2023 na escola Educar Sesc com a temática *Iguatu: memórias vivas e adormecidas – A cultura da nossa terra*. Alunos, professores, coordenadores e direção realizaram estudos e pesquisas sobre aspectos históricos, culturais e sociais da cidade de Iguatu-CE. Quando a proposta se estende as turmas que formam a EJA, esses alunos tornam-se não apenas pesquisadores desses aspectos, mas eles formam, na maioria dos casos, os protagonistas dessas narrativas, sendo fontes vivas de pesquisa sobre a história e cultura da cidade de Iguatu-CE.

Os alunos e alunas dessas turmas não realizaram apenas estudos e pesquisas sobre Iguatu-CE, mas foram eles contadores de histórias, narradores não apenas de suas memórias, mas das memórias de um povo, possibilitam o diálogo com os ouvintes dessa história. A partir dessa reflexão, foram desenvolvidas atividades em que essas memórias contadas de forma oral ganhassem a sua versão escrita pelos próprios alunos, para serem preservadas e repassadas aos que desejassem conhecer um pouco mais sobre a cidade de Iguatu, assim na escrita dessas memórias

a palavra escrita não é uma ameaça à memória, mas antes colabora com ela, registrando e tornando perene o que era efêmero. A memória e a escrita, juntas, oferecem ao homem obras-primas da literatura mundial. Favorecendo as gerações posteriores, permitindo-lhes conhecer o mundo por meio de registros escritos (BUSATTO, 2011, p. 116).

Para as turmas compreenderem a importância da memória escrita, convidamos a contadora de história Carlê Rodrigues para realizar um momento de contação de uma história que faz parte do imaginário popular dos habitantes da cidade de Iguatu-CE, intitulada como *A cama da baleia*. Essa história faz parte de uma seleção de contos organizados no livro *Entrou pela porta, saiu pelo canivete! O senhor meu rei mandou que se conte sete* (SINDEAUX; NASCIMENTO, 2021, p. 25-27). A contadora além de realizar o momento da contação da



história, explicou o processo e a importância da escrita de histórias orais. Outros momentos de leitura e interpretação de histórias desse livro foram realizados nas aulas de literatura.

Após esse momento de contação de história, leitura e interpretações, organizamos as demais atividades a partir do projeto do Circuito Cultural. Junto com as turmas foram realizados levantamento de temáticas dos aspectos sociais, religiosos, histórico e cultural da cidade de Iguatu-CE. Dessa conversa surgiram as seguintes temáticas: Estação Ferroviária; plantações de algodão; aspectos religiosos e do imaginário popular; enchentes de 1974; e festividades.

Os alunos que conheciam, ou vivenciaram esses fatos históricos realizaram a contação de suas memórias nas aulas, outros buscaram esses relatos com seus avós, amigos ou vizinhos conhecidos. A partir de temáticas semelhantes entre algumas dessas memórias e pesquisas, organizamos as turmas em pequenos grupos para a realização da escrita de forma coletiva.

Pontuamos que o processo de escrita desses causos populares, visto as diferenças de habilidades de leitura e escrita dos alunos que compõem as turmas da EJA, ocorreram em grupos, pois alguns dos alunos que narraram suas memórias ainda estavam no processo de aquisição da escrita. Entretanto, essas trocas de vivências e encontro entre gerações de jovens-adultos escritores e idosos narradores foram um dos pontos mais significativos das atividades de escrita, oportunizando a contação de textos-memórias orais e a escrita dessas memórias. Em sala de aula revivemos o encanto pela escuta, pelas memórias guardadas nas palavras orais, conectando alunos de faixas etárias e saberes diferentes, sabemos que momentos como esses são poucos vivenciados visto que

em plena era da informação e da imagem, o que se nota atualmente é que recebemos informações prontas em grande quantidade, das quais pouco recordamos. Há pouco espaço para o ouvir, para o compartilhamento de vivências e para assimilação de saberes, impactando diretamente na arte de narrar. (GOMES, 2018, p. 29).

Após os momentos de contação pelos alunos narradores na sala e a organização dos grupos por temáticas, iniciamos o processo de escrita dessas memórias. Algumas propostas foram pensadas para esse momento como: a recontação das memórias nos grupos menores, como forma de lembrar mais detalhes ou perceber mudanças da primeira versão contada; alguns alunos escritores optaram por gravarem as contações para facilitar no processo de escrita; reescrita de algumas partes também foram necessárias para chegarmos a versão final dos causos populares.



Esses momentos de escrita ocorreram tanto nos horários das aulas, como alguns alunos, em especial os que trouxeram relatos de familiares e amigos, realizaram essa escrita fora do horário escolar. A seguir analisaremos as memórias contadas e escritas.

AS MEMÓRIAS RELEMBRADAS E ESCRITAS

Os causos populares foram escritos como histórias não ficcionais, mas a partir de memórias sobre os aspectos históricos, sociais e culturais da cidade de Iguatu-CE, pois “geralmente, quem conta um caso afirma a veracidade da história que conta, dando referências, remetendo a outras pessoas que podem confirmar” (BATISTA, 2007, p. 103).

Para uma melhor organização e compreensão desses aspectos, organizamos uma tabela com as temáticas e causos que foram escritos, Em seguida, descreveremos quais foram esses causos contadas pelos alunos narradores e registradas pelos alunos escritores.

Temáticas	Causos populares escritos
Estação Ferroviária	<ul style="list-style-type: none"> - Ferrovias de Iguatu - Memórias de João Souto: ex-funcionário da RFFSA - Nas trilhas do trem: memórias de viagem de Seu Inácio
Plantações de algodão	<ul style="list-style-type: none"> - Memórias do senhor Liandro - Relatos de filhas de agricultores de Iguatu - Plantações de algodão de Iguatu
Aspectos religiosos e do imaginário popular	<ul style="list-style-type: none"> - Maria Augusta: a virgem iguatense - A visita de Frei Damião a Iguatu - Oração do soldado 33 - A botija de Maria
Enchentes de 1974	<ul style="list-style-type: none"> - Memórias de Dona Ester sobre a enchente de 1974 - Águas do Rio Jaguaribe - enchente de 1974



Festividades	<ul style="list-style-type: none"> - Lembranças das festas juninas de 1994 - Quadrilhas de Iguatu
--------------	---

Um dos marcos históricos importantes da cidade de Iguatu-CE foi a construção e utilização da Estação Ferroviária “sua inauguração, no trecho compreendido entre Iguatu a Fortaleza, deu-se a 5 de novembro de 1910” (ARAGÃO, 1998, p. 71). Graças a essa estação, Iguatu conseguiu alavancar sua economia, em especial, a importação do algodão. Muitas são as memórias que surgiram a partir das vivências dessa estação, seja de alunos que tiveram familiares que trabalharam nela, como os que vivenciaram o movimento econômico proporcionado pela estação

Desse fato histórico três causos foram escritos: *Ferrovias de Iguatu* combinando lembranças e o imaginário de crianças que não chegaram a andar no trem, mas viam de perto o comércio impulsionado pela estação “Lembro bem do meu tempo de criança, indo agora na lembrança quando a noite chegava, escutava o trem apitando, dando sinal que ia chegando”. *Memórias de João Souto: ex-funcionário da RFFSA* causo escrito a partir de memórias de familiares de um antigo funcionário da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA) “ele operava um equipamento chamado agulha, equipamento esse, que mudava os trilhos de lugar...sua filha conta que os familiares dos trabalhadores podiam andar de graça nos trens”.

O terceiro causo escrito sobre a Estação Ferroviária foi intitulado *Nas trilhas do trem: memórias de viagem de Seu Inácio* memórias recolhidas pelos alunos que retrata como eram as viagens de trem na estação “Ele contou também que tinha um determinado tempo para o trem passar...que tinha vagões de cargas e as pessoas ficavam esperando para descarregarem os produtos como algodão”.

Outro fato histórico que reviveu as memórias dos alunos foi o período que as plantações de algodão mantinham a economia de Iguatu “entre 1940 e 1970, Iguatu se destacou como um dos principais produtores de algodão da região centro-sul do Estado do Ceará. No ano de 1945, o município cultivou 10.478 hectares de algodão” (LIMA, 2011, p. 160). Além do funcionamento da Companhia Industrial de Algodão e Óleos (CIDAIO), essa companhia foi “inaugurada a 21 de março de 1921, dividida em três departamentos específicos, compreendendo produção de óleo vegetal, descaroçamento de algodão e produção de sabão” (ARAGÃO, 1998, p. 80).

Três causos foram escritos sobre o algodão conhecido pelos alunos narradores como ouro branco. *Memórias do senhor Liandro* o aluno narrador reviveu suas memórias compartilhando sobre a época que trabalhava na entrega de produtos naturais para a CIDA O “aos 20 anos começou a trabalhar como ajudante de caminhão, ensacando oiticica de alguns lugares...esses produtos eram trazidos até Iguatu para descarregar na CIDA O, antiga fábrica de algodão”.

Duas alunas, que são irmãs, também relataram suas memórias dessa época no caso *Relatos de filhas de agricultores de Iguatu* “o patrão entregava aos agricultores estopa para fazerem os sacos para a colheita do algodão. o transporte era feito pelo dono da terra junto com o cunhado das irmãs”. Ainda sobre as plantações, uma aluna trouxe as memórias dos avós no caso *Plantações de algodão de Iguatu* “Meu avô falou que nesse tempo a sua renda era tirada somente do algodão...já a minha avó relatou que colocava toda a família para descaroçar o algodão”.

Não apenas fatos históricos e sociais marcaram as temáticas dos causos escritos. Crenças religiosas e imaginação também foram temáticas para os alunos escritores. Uma história de fé e crença em torno de uma jovem é de conhecimento popular dos habitantes de Iguatu-CE, dessa história surgiu um caso intitulado *Maria Augusta, a virgem iguatense*, que narra a história de vida dessa jovem que se tornou símbolo de fé e castidade “A mãe sempre aconselhava a filha sobre os olhos maliciosos do seu pai e pedia que Maria tivesse cuidado”.

Outro caso escrito a partir de crenças foi *A visita de Frei Damião a Iguatu* que traz memórias que permeia por crenças e imaginação contadas pelos alunos “viu que os pés do Frei Damião não estavam tocando o chão...relatou que uma moça deu a língua à mãe e a língua dela foi parar nos pés”.

Alguns alunos lembraram e escreveram suas próprias memórias como no caso *Oração do soldado* 33 “lá estava muitas pessoas contando histórias...que após fazer a oração a pessoa ganhava dinheiro...você tinha que ir à meia noite durante 33 dias fazer a oração na linha do trem”. *A botija de Maria* reviveu muitas lembranças de outras narrativas sobre botijas que fazem parte da imaginação dos alunos, “ela teve mais uma ‘visagem’ com o empregado que pedia a ela que desenterrasse uma botija no quarto”.

Algumas memórias contadas dialogam com a história vivida pelos alunos na atualidade. Ocorreram relatos sobre enchentes no ano de 1974 e deles foram escritos dois causos, *Memórias de Dona Ester sobre a enchente de 1974* nesse caso soubemos que o antigo prédio conhecido



como Hotel Ferroviário abrigou famílias que tiveram suas casas alagadas. Esses relatos trouxeram um fato interessante, o antigo Hotel Ferroviário é atualmente o prédio da Unidade Sesc da cidade de Iguatu, onde funciona a escola, memórias (re)contadas e vivenciadas no mesmo espaço onde os alunos estudam “Ela relata que se encontra muitas famílias no hotel, nos diz que a estrutura do prédio era muito diferente do que é hoje em dia...”. O outro caso sobre a enchente *Águas do Rio Jaguaribe - enchente de 1974* “aos poucos as águas do Rio Jaguaribe se restabeleceram fazendo com que as famílias voltassem às suas residências”.

Por fim, memórias e histórias foram contadas sobre as festividades da cidade, em especial as quadrilhas juninas. O caso *Lembranças das festas juninas de 1994* “O festival de quadrilha era sempre na quadra Agenor Araújo, na época tinham os patrocinadores, que eram os pequenos comerciantes das comunidades...” e ainda, o caso *Quadrilhas de Iguatu* “Tinham muitas festas bonitas na Lagoa da Telha, eram festas sadia, muito animadas, brincavam a noite inteira com muita tranquilidade”.

Após a escrita, os casos foram lidos na sala de aula para a turma, algumas correções foram realizadas em relação aos aspectos gramaticais, estrutura e coesão, mas sem interferir na memória narrada e respeitando a escrita dos alunos. Os casos foram digitados, com a participação de alguns alunos, foram impressos no formato de livreto. Com a escrita dos casos concluídos e a impressão dos livretos, foi pensado em um momento que proporcionasse a contação dos casos escritos, tanto que envolvesse as turmas do Ensino Médio que participaram do processo de contação e escrita, como também, as demais turmas da EJA.

Esse momento tinha como objetivo proporcionar espaço para a contação dos casos, narrar esses casos que possivelmente também dialogavam com outras memórias vividas pelos alunos. Realizamos um ciclo de memórias na sala que possibilitou a escrita, mas queríamos que esses casos pudessem tornar novamente sua forma de narrativas orais, revivendo um momento coletivo de contação de histórias.

Esse momento ficou registrado como Noite dos Casos Populares e teve a participação tanto de alunos narradores e escritores dos casos, como também, de outros alunos das turmas, que mesmo não participando da escrita se envolveram com o momento de contação. Ainda tivemos a participação das demais turmas da EJA “assim é também com o público que está ouvindo as histórias: muitos são coautores e participam, integram-se à história” (GOMES, 2018, p. 76). Esse momento proporcionou um encantamento pela escuta dos casos, visto que ocorreu uma identificação dos alunos com as memórias que estavam sendo narradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em atividades de leitura e escrita que dialoguem com a realidade dos alunos podem despertar uma maior participação, além de incentivar práticas de escrita criativas. A contação de causos populares permite um acolhimento de práticas de leitura de mundo que os alunos trazem em suas memórias e experiências. As atividades de escrita dessas memórias fortalecem o espaço protagonista desses alunos e alunas da Educação de Jovens e Adultos, que por muito tempo, tiveram suas falas silenciadas e pouco espaço para mostrar um tipo de saber que está além de conteúdos condensados e repetidos.

O diálogo entre gerações diferentes de alunos, seja em relação a idade ou seus itinerários de leitura e escrita, podem possibilitar uma troca, na qual um aprende com o outro através da escuta acolhedora, refletindo e vivendo o presente, mas principalmente, não esquecendo de um passado de lutas e saberes.

É papel da escola respeitar a memória dos seus alunos da EJA, ouvir e dar espaço para a escuta dessas narrativas, pois são nelas que conhecemos e compreendemos nossos alunos e suas particularidades, para assim, respeitarmos sua história. Propor momentos de contação de história, que essa prática ancestral tenha espaço na escola diante da sua importância e das contribuições na formação dos alunos. Por fim, acreditamos que a contação de história ensina, fortalece, nos humaniza enquanto narradores e escritores da nossa própria história.



REFERÊNCIAS

ARAGÃO, R, Batista. Iguatu: História. Fortaleza: **COPCULTURA**, 1998.

ARROYO, Miguel G. Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2017.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: **Martins Fontes**, 1992.

BATISTA, Gláucia Aparecida. Entre causos e contos: gêneros discursivos da tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular. São Paulo: **Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) Universidade de Taubaté**, 2007.

BEDRAN, Bia. A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: **Nova Fronteira**, 2012.

BUSATTO, Cléo. A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2011.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: **Cortez**, 1989.

GOMES, Elaine. A arte de narrar histórias. São Paulo: **Editora Senac São Paulo**, 2018.

LIMA, Átila de Menezes A geografia histórica de Iguatu-CE: uma análise da cultura algodoeira de 1920 a 1980. Fortaleza, **dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências e Tecnologia**, 2011.

SESC. Projeto: Arte, Cultura e Território. **Departamento Regional do Ceará**. 2023

SINDEAUX, Rebeca Baia; NASCIMENTO, Thiago Alves Moreira. Entrou pela porta, saiu pelo canivete! O senhor meu rei mandou que conte sete. Cariri-CE: **Grupo Narradores do Cariri**, 2021.